



**V SINGEP**

**Simposio Internacional de Gestao de Projetos, Inovacao e Sustentabilidade**  
**International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability**

ISSN: 2317 - 8302

## **Como a informação financeira evidencia a criação de valor no Relato Integrado**

**NADSON JAIME FERREIRA ALVES**

Universidade Federal do Pará  
nadson@ufpa.br

**LAÉRCIO BAPTISTA DA SILVA**

UFSC  
lasilva@uscs.edu.br

**JOSÉ ROBERTO KASSAI**

Universidade de São Paulo  
jrkassai@usp.br

**HUMBERTO MEDRADO GOMES FERREIRA**

Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS  
hmedrado@gmail.com



V SINGEP

Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade

International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

## COMO A INFORMAÇÃO FINANCEIRA EVIDENCIA A CRIAÇÃO DE VALOR NO RELATO INTEGRADO

### Resumo

Comunicação corporativa em ebulição, um chamado à inovação, assim se apresenta o Relato Integrado ao propor conexão de conteúdos em diferentes formatos, com linguagem concisa e acessível. O objetivo deste estudo é descrever conteúdos e formas de expressão das informações financeiras em integração com as não financeiras nessa nova modalidade de comunicação corporativa proposta pelo *International Integrated Reporting Council*, baseado em seu primeiro *framework* divulgado em 09/12/2013, que estabelece conjunto de princípios e elementos de conteúdo com foco na estratégia ao longo do tempo, articulada em seis dimensões de capitais. Trata-se de uma pesquisa documental de cunho qualitativo, com apoio do *Software Nvivo 11*, nos Relatos Integrados das empresas que participam do programa piloto no Brasil, nos anos de 2014 e 2015. Em meio aos avanços, foram constatadas limitações no uso de termos elementares do vocabulário que fundamenta o Relato Integrado, bem como em termos da contabilidade (capital financeiro); também se identificou avanço no uso de linguagem visual em busca de concisão e integração entre informações financeiras e não financeiras.

**Palavras-chave:** Relato integrado. Criação de valor. Informação financeira. Contabilidade.

### Abstract

Corporate communications boiling, a call for innovation, presents the Integrated Reporting, proposing content connection in different formats, with concise and accessible language. The aim of this study is to describe content and forms of expression of financial information integration with financial not in this new mode of corporate communication proposed by the *International Integrated Reporting Council*, based on its first framework published on 09.12.2013, which established set of principles and content elements with a focus on strategy over time, articulated in six dimensions capital. This is a documentary research of qualitative nature, supported by *Software Nvivo 11*, the Integrated Reports of the companies participating in the pilot program in Brazil, in the years 2014 and 2015. Among the advances, deficiencies were found in the use of terms elementary vocabulary that underlies the Integrated Report, as well as in terms of accounting (financial capital); were also identified advances the use of visual language in the search for concision and integration between financial and non-financial information.

**Keywords:** Integrated Reporting. Value creation. Financial information. Accounting.



## 1 Introdução

O mundo em conexão. Conexão de culturas, de pessoas, de ideias, de temas, de atividades. Isso sinaliza ao universo empresarial que a sustentabilidade de uma organização depende da sinergia entre aspectos econômicos, sociais e ambientais; o chamado *Triple bottom line* (Jensen & Berg, 2012), sob mediação da comunicação corporativa.

De acordo com o *Institute of Chartered Accountant of England and Wales* [ICAEW] (2009), os modelos de relatórios corporativos evoluem, se adaptam às mudanças dos fatores ambientais. No entanto, certos atritos interferem nesse desenvolvimento e levam à inadequada compreensão e resolução de problemas dos relatórios corporativos: regulação imprudente, necessidades de informação dos reguladores suplantando as dos usuários, litígios excessivos.

Para Havlová (2015), a questão da integração de relatórios surgiu devido ao crescente número de relatórios emitidos pelas empresas para suprir a demanda de informações pelas partes interessadas, especialmente investidores. As informações precisam ser investimentos para a tomada de decisão, mas nem sempre chegam a tempo e de forma acessível.

Se determinado relatório corporativo tem limitações, é importante entender os fatores que interferem na evolução adequada, e não simplesmente mudar o modelo de forma radical (ICAEW, 2009). Esse é o propósito do Relato Integrado [RI], inovação na comunicação que não substitui os demais relatórios corporativos, mas conecta-os na busca do alinhamento.

Conforme o *International Integrated Reporting Council* [IIRC] (2013), entidade que articula o Relato Integrado no mundo, trata-se de comunicação concisa sobre a forma como a estratégia, a governança, o desempenho e as perspectivas da organização levam à criação de valor no curto, médio e longo prazo, no contexto da organização, sob a ótica de seis capitais (financeiro, manufaturado, intelectual, humano, social/relacionamento e natural).

Para DaCunha, Morais e Rodrigues (2016), dentre aos objetivos do RI está a redução na complexidade da informação divulgada para proporcionar, aos investidores e outros usuários, a informação necessária para conhecer as empresas, avaliar seus desempenhos e tomar decisões futuras. Mas alertam, há desafios para integrar a informação não financeira ao relato tradicional das empresas, preso essencialmente à prestação de informações financeiras.

Pesquisa da *Black Sun* (2014), uma das principais consultorias em estratégia de comunicação corporativa da Europa, identificou, a maioria dos investidores, quando avaliam diferentes capitais, além do financeiro, costumam fazê-lo em paralelo. São mudanças que demandam tempo para construir indicadores de desempenho integrados, mais robustos e novas maneiras de usar tais informações.

Assim, além de dirimir informações inconsistentes e até contraditórias entre diferentes relatórios corporativos, o RI propõe diferencial em termos de linguagem e conteúdo em prol da informação clara, concisa e relevante (Eclles & Krzus, 2011). Esses e outros diferenciais contidos no *Framework* do IIRC de 09/12/2013 são corroborados pelo Núcleo de Estudos em Contabilidade e Meio Ambiente [NECMA/USP], que acompanha a implantação do RI no Brasil, desde 2010 (Kassai & Carvalho, 2015).

Assim, este artigo tem como questão de pesquisa: como as informações financeiras foram divulgadas e conectadas às informações não financeiras no Relato Integrado das empresas do programa piloto no Brasil, nos anos de 2014 e 2015? O objetivo é descrever forma e conteúdo das informações financeiras no Relato Integrado. Tal objetivo é desdobrado em outros três: (1) mapear as informações financeiras divulgadas; (2) identificar as formas de divulgação; e (3) analisar a linguagem visual na integração entre informações financeiras e não financeiras sob a ótica dos seis capitais, dos princípios e elementos de conteúdo do *Framework*.



## 2 Referencial Teórico

### 2.1 Relato Integrado, Relatório Financeiro, Relatório não Financeiro e Contabilidade

De acordo com o IIRC (2013), o principal objetivo do RI é explicar a provedores de capital financeiro como uma organização gera valor ao longo do tempo, por meio de informações relevantes, sejam elas financeiras ou de outra natureza. Assim, o RI resulta da integração do Relatório Financeiro com Relatórios não Financeiros, na busca da compreensão holística (pensamento integrado) do processo de criação de valor.

Para Kassai e Carvalho (2014), não se trata da junção banal entre Relatório Financeiro e de Sustentabilidade, mas processo de convergência entre sistemas de gestão organizacional e comunicação corporativa, no tempo de cada empresa e na necessidade de adaptação dos profissionais a esse modelo de negócio que sintoniza sociedade, natureza e fluxos de caixa. Trata-se da criação sustentável de riqueza por toda a organização, com efeito na estratégia.

A Ernst Young [EY] (2014, p. 4) resume, “o relato integrado tem por objetivo rastrear de que forma os vários tipos de capital são utilizados, como se relacionam e as compensações realizadas pelas organizações”.

Na trajetória de evolução dos relatórios corporativos, segundo o IIRC (2011), na década de 60, o Relatório Financeiro era exclusivo. A partir dos anos 80, surgiram os Relatórios de Governança e de Sustentabilidade. Nos anos 2.000, além destes, ganhou evidência o Relatório de Administração. Mas até então, eram relatórios separados, com informações estanques, condição determinante para o surgimento do Relato Integrado, na atualidade.

Segundo DaCunha et al. (2016), o Relatório Financeiro é baseado na informação oriunda da Contabilidade, expresso por meio do relatório anual obrigatório, com a estrutura conceitual definida por entidades reguladoras quanto a mensuração e divulgação dos elementos patrimoniais, enquadrados em modelos de demonstrações financeiras.

O Conselho Federal do Contabilidade [CFC] (2011) referendou a norma Estrutura Conceitual Básica emitida pelo *International Accounting Standards Board* [IASB] que afirma, a Contabilidade deve acompanhar os desafios da organização, para disponibilizar informação útil a investidores, financiadores e outros credores tomarem decisões econômicas.

Contudo, críticas apontam limitações no Relatório Financeiro: (i) foco no passado, sendo mais histórico do que prospectivo; (ii) foco em informação de natureza monetária, enquanto os usuários também precisam de informação qualitativa; (iii) diferença entre os valores evidenciados no balanço e os valores de mercado das empresas, pela ausência de elementos intangíveis relevantes nas demonstrações financeiras (DaCunha et al., 2016).

A evolução dos ativos intangíveis pode explicar, em parte, a insuficiência da informação exclusivamente financeira para alimentar o processo de tomada de decisão, pois, segundo a EY (2014), os regulamentos contábeis vigentes limitam a capacidade de reconhecer no Balanço Patrimonial os ativos intangíveis gerados internamente.

A Figura 1 retrata a evolução dos ativos intangíveis no valor de mercado das empresas, em levantamento feito pela consultoria *Standard & Poor's*. Trata-se de um índice composto por quinhentos maiores ativos (ações) cotados nas Bolsas de Nova Iorque [NYSE] ou na *National Association of Securities Dealers Automated Quotations* [NASDAQ].

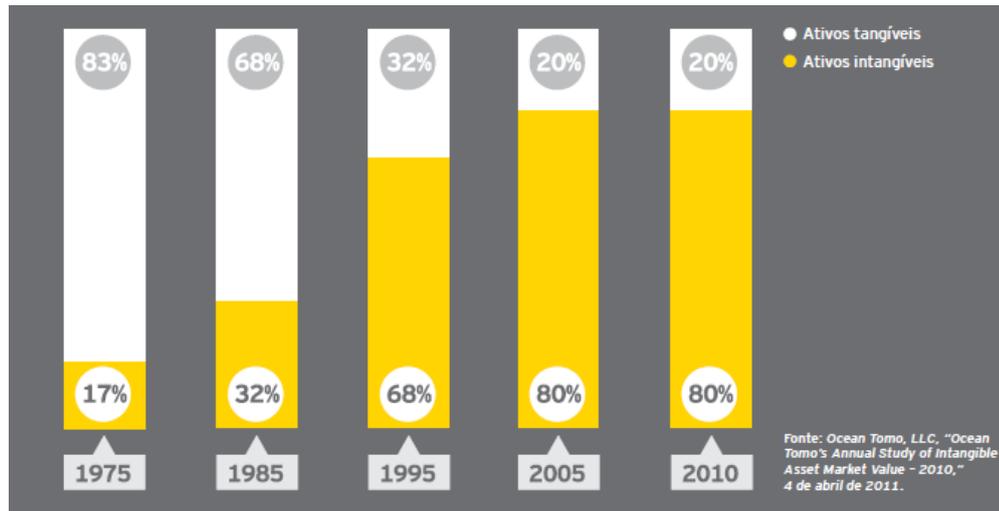


Figura 1 - Valor crescente dos ativos intangíveis - Componentes do valor de mercado - S&P 500  
Fonte: Ocean Tomo (2011 citado em EY, 2014, p. 3)

Entretanto, há diferenças entre a Contabilidade Financeira e a Contabilidade Gerencial. Aquela atende às necessidades de usuários externo à organização, enquanto a gerencial atende às necessidades de usuários internos, conforme demonstra a Figura 2.

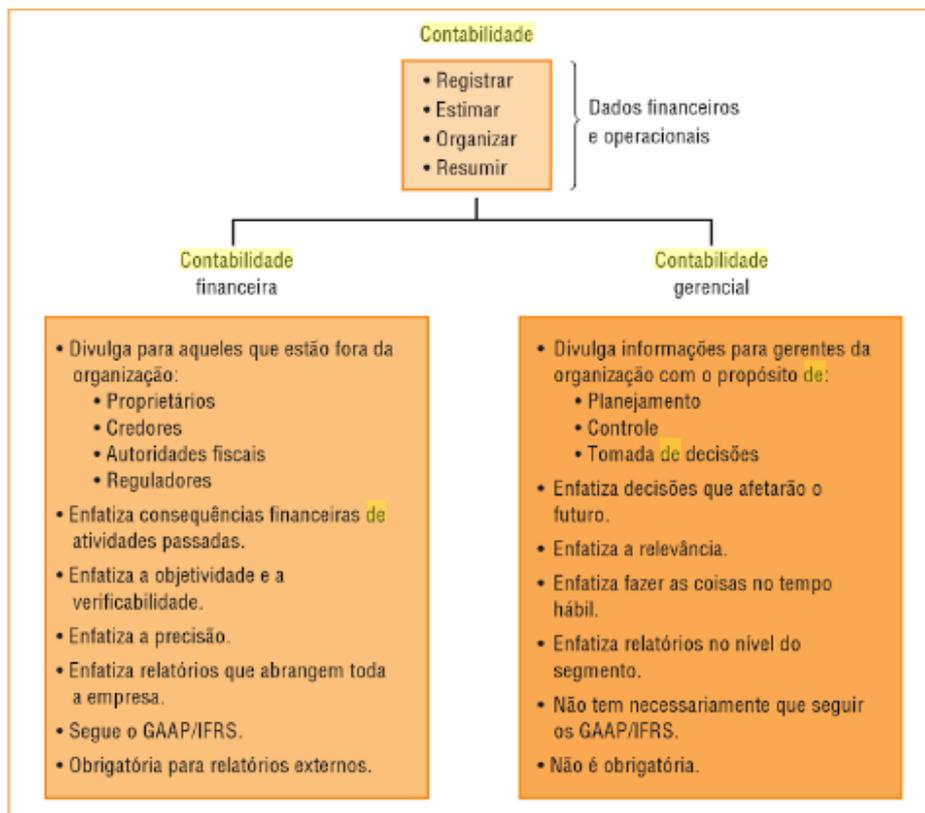


Figura 2 - Comparação entre Contabilidade Financeira e Contabilidade Empresarial  
Fonte: Garrison, Norren e Brevet (2013, p. 2)

E a linha divisória dessa dicotomia na contabilidade está cada vez mais tênue e ganhou projeção com usuários externos demandando informações de cunho gerencial e Relatórios não Financeiros para avaliar, com mais propriedade, a criação de valor pela organização.



Os Relatórios não Financeiros resultam de alterações no ambiente empresarial, mudanças nas estratégias das organizações, nas estruturas, sistemas e métodos de atuação. Em ambientes competitivos, as organizações precisam perceber, as vantagens estratégicas serão sustentáveis, se a organização responder a pressões internas e externas. Precisam gerir e evidenciar a responsabilidade social e ambiental da organização (Klovienè & Speziale, 2014).

Normalmente, as informações não financeiras estão nos Relatórios de Governança, de Sustentabilidade, de Administração. A diferença do RI está em diagnosticar e evidenciar, de forma articulada, a sustentabilidade da organização no tempo, pois a divulgação inicial de informação sobre responsabilidade social, ambiental em relatórios independentes, dificultou o entendimento dos usuários pela falta de conexão entre diferentes impactos, até o econômico.

Em 2004, surgiu o *Princes Accounting for Sustainability Project* [A4S], capitaneado pelo Príncipe Charles da Inglaterra, com o intuito conectar as informações dos relatórios corporativos (DaCunha et al., 2016). Desse projeto, em parceria com outras entidades como a *Global Reporting Initiative* [GRI], referência mundial em Relatório de Sustentabilidade, surgiu o IIRC, para emitir padrões gerais do RI, dar suporte aos usuários e sistematizar as experiências (programa piloto) com empresas de vários países, inclusive o Brasil.

Para garantir a viabilidade em distintos países e empresas, o RI é baseado em princípios e não em normas, são eles: “foco estratégico e orientação para o futuro, conectividade da informação, relações com partes interessadas, materialidade, concisão, confiabilidade e completude, coerência e comparabilidade” (IIRC, 2013, p. 17).

O *framework* do RI prevê, ainda, os seguintes conteúdos: “visão geral organizacional e ambiente externo, governança, modelo de negócios, riscos e oportunidades, estratégia e alocação de recursos, desempenho, perspectivas e base de preparação” (IIRC, 2013, p. 25).

Portanto, conforme Kassai e Carvalho (2014), o RI envolve mudança de cultura nas organizações e partes interessadas, regulações internacionais e locais e resultados a longo prazo. Um desafio em busca de um mundo melhor e menos desigual, para tanto, será necessário reconhecer e atribuir valor às externalidades sociais e ambientais em toda a cadeia produtiva, para que os agentes econômicos internalizem tais custos. E a Contabilidade, por meio de sua metodologia (conhecer-identificar-mensurar-reportar), precisa avaliar o patrimônio de forma retrospectiva e prospectiva, em suporte a demandas de um modelo econômico mais sustentável. Assim, as empresas descobrirão novas formas de alcançar rentabilidade e criar valor ao acionista, em modelo de negócio que articule diferentes capitais.

## 2.2 Criação de Valor

Conforme o IIRC (2013), criação de valor é a maneira da organização interagir com ambiente externo. Para tanto, usa e afeta diversos capitais responsáveis por gerar valor no curto, médio e longo prazo. Tais capitais são repositórios de valor, aumentam, diminuem ou se transformam por meio de atividades e produtos da organização (IIRC, 2013).

O IIRC (2013) destaca, a capacidade de a organização gerar valor para si está relacionada ao valor que gera aos outros: a satisfação de clientes com as atividades e dos produtos da organização, a disposição dos fornecedores negociarem dentro de determinadas condições, a concordância de outros agentes em realizar parcerias, as condições impostas tal como as exigências legais e licença para operar, com efeito na reputação da organização.

Para a EY (2014), a criação de valor é o eixo principal do RI, rota do futuro nos relatos corporativos. No contexto atual, as organizações dependem de recursos cada vez mais escassos e alguns pertencem à sociedade. Logo, o valor criado pela organização deve ser compartilhado entre proprietários, sociedade e outras partes interessadas.



Atividades, interações e demais externalidades relevantes à capacidade de a organização gerar valor, devem ser divulgadas no RI, sejam positivas ou negativas, para os provedores de capital avaliarem efeitos e alocarem recursos de forma apropriada. O valor é gerado ao longo de diferentes períodos, para diferentes partes interessadas, por meio de diferentes capitais, pois é improvável ser maximizado por capital único, em detrimento dos demais (IIRC, 2013).

Assim, parte essencial do RI descreve como a estratégia e o modelo de negócios articulam os capitais a serem convertidos em criação de valor, e como podem ser medidos pelos principais indicadores de desempenho. Tais indicadores (rotatividade de funcionários, eficiência energética) precisam ser conectados aos respectivos impactos em ativos tangíveis e intangíveis da organização (produtividade por equipamentos, nível de satisfação de clientes), para avaliar o efeito no valor da organização para o acionista (EY, 2014).

O indicador de informações integradas pode gerar efeitos simultâneos. Ao comparar novos investimentos em equipamentos com o consumo de energia, pode-se medir indiretamente a criação de valor pelo desempenho financeiro (custos e lucratividade), ambiental (nível de consumo de energia) e social (produtividade dos funcionários ou, ainda, reputação perante clientes), com efeito no ativo intangível (EY, 2014).

Por isso, a gestão eficaz do risco pode garantir a viabilidade das metas estratégicas de criação de valor. Ao incorporar-la no processo de tomada de decisão e na estratégia da organização, reduzem-se incertezas diante de adversidades futuras, daí a necessidade de explicar com clareza, no RI, o valor provável da organização a longo prazo (EY, 2014).

Custos de conformidade com leis e regulamentos para prevenir e mitigar riscos de alterações climáticas e *cyber*-segurança podem resultar em gastos a serem incluídos no relatório financeiro. E divulgações de empresas transparentes, precisam equilibrar tais custos aos benefícios para investidores (Eccles & Spiesshofer, 2015). Medir também probabilidades de ocorrência das oportunidades, para avaliar valores potenciais em cada capital (Roth, 2014).

E para ser conciso, é essencial avaliar a materialidade (Matriz de Materialidade) do que deve ser evidenciado no RI (EY, 2014). Até porque, o RI não substitui relatórios individuais e as informações podem ser sintetizadas em aspectos essenciais e formatos diferenciados.

### 3 Metodologia

Trata-se de pesquisa exploratória, descritiva, documental e qualitativa. Exploratória por haver pouca abordagem específica da informação contábil no RI. Descritiva por mapear e expor as características de tal informação em termos de conteúdo e forma. Documental por ser análise empírica de fontes primárias, Relatos Integrados, publicadas nos sites das empresas. Qualitativa em virtude do tamanho da amostra.

Das 146 empresas do programa piloto do IIRC, o Brasil figura com 12, atrás apenas do Reino Unido (13) e pareado com a Holanda (12). São elas: AES Brasil, BNDES, CCR, CPFL Energia, Fíbria, Itaú, BRF, Grupo Segurador Banco do Brasil e Mapfre Seguradora, Natura, Petrobrás, Via Guttenberg e Votorantin. Desse montante, até o dia 01/08/2016, não foram localizados os RI da Via Gutenberg 2014 e 2015, Petrobras 2015 e Mapfre 2015, reduzindo a amostra para nove empresas.

Na pré análise, houve coleta e preparação do material em leitura preliminar, para identificar aspectos elementares: empresas, segmentos, forma de identificação do relato, quantidade de páginas e formato disponível (PDF e/ou *on line*). A exploração do material foi com apoio do *Software* Nvivo 11, com identificação de termos e conteúdo de divulgação do capital financeiro, especialmente, informações contábeis. No tratamento dos resultados, foram



feitas inferência e interpretação para identificar e avaliar conexões entre as informações financeiras e não financeiras com uso de linguagem visual na busca de concisão e integração.

A análise se deu por categorias. Primeiro, foram observadas as referências a termos característicos do Relato Integrado; em seguida, termos característicos do Capital Financeiro, subdivididos em duas subcategorias: demonstrações contábeis e outros termos financeiros relevantes.

O estudo do RI tem limitações por ser tema inovador e pelo fato das empresas estarem em adaptação. Outra limitação é o tamanho da amostra devido ao número restrito de empresas brasileiras participantes do programa piloto, e três foram excluídas por motivos mencionados. E como o RI é baseado em princípios, na intenção de encontrar o equilíbrio entre prescrição e flexibilidade, o formato aberto de publicação dificulta a comparação entre os relatos. Há ainda a falta a asseguarção de informações de alguns relatos.

## 4 Análise dos Resultados

### 4.1 Aspectos elementares

A Figura 3 apresenta aspectos elementares dos RI das empresas da amostra:

Empresa	Segmento	Denominação	Referência ao RI	No. de páginas		Formato Disponível	
				2014	2015	PDF	On line
AES Brasil	Energia	Relatório de Sustentabilidade	Sim	40	39	Sim	Sim
BNDES	Bancos	Relatório Anual	Sim	52	60	Sim	Sim
BRF S.A	Alimentos	Relatório Anual e de Sustentabilidade	Sim	117	156	Sim	Sim
CCR S.A	Concessões rodoviárias	Relatório Anual e de Sustentabilidade	Não (Em 2015)	44	66	Sim	Sim
CPFL Energia	Energia	Relatório Anual	Sim	136	121	Sim	Sim
Fíbria Celulose	Papel e celulose	Relatório	Sim	152	100	Sim	Sim
Itaú Unibanco	Bancos	Relato Integrado	Sim	37	59	Sim	Sim
Natura Cosméticos	Artigos de uso pessoal	Relatório Anual	Sim	37	46	Sim	Sim
Votorantim	Industrial	Relatório Integrado	Sim	168	164	Sim	Sim

Figura 3 - Dados elementares do Relato Integrado no Brasil

Fonte: Autoria própria com dados colhidos nos Relatos Integrados das empresas relacionadas (2014 e 2015)

Pela Figura 3, percebe-se, apenas o Itaú/Unibanco denomina Relato Integrado, como apresenta o *Framework*. A Votorantim nomina como Relatório Integrado, mas a palavra relatório remete a algo estático, datado, enquanto o relato sugere comunicação dinâmica.

A maioria das empresas parece seguir a ideia do relatório único ou, pelo menos, junção do RI com o Relatório de Sustentabilidade. Nessa junção, uma empresa nem fez referência ao Relato Integrado em 2015, uma perda de informação em relação a 2014.

Apesar da flexibilidade do RI às necessidades de cada empresa, unificar vários relatórios em apenas um, compromete a concisão ou a completude, pois há diferença em ler 37 ou 168 páginas, além da ausência de alguns conteúdos previstos no *Framework*. E maior quantidade de páginas não garante mais qualidade na informação. Pelo princípio da concisão,



menos é mais, sem perder a relevância para evidenciar como a empresa cria e criará valor. Até porque, o RI não substitui os relatórios específicos, apenas integra (alinha). E é provável que tal concisão ecoe nos relatórios específicos, principalmente onde o RI se torna meta.

Como as empresas estão em processo de aprendizagem, é mais natural fazer ajustes de um ano para o outro, na busca de conteúdos e formatos mais adequados. Mas algumas variações de 2014 para 2015 confirmam a análise de Maciel (2015), que identificou perda na qualidade de algumas informações no relato de certas empresas de 2013 para 2014.

Ainda em relação a Figura 3, o fato dos Relatos estarem disponível em PDF e *On line*, sinaliza nessa segunda modalidade, comunicação mais dinâmica, ao possibilitar link com relatórios específicos que detalham a informação, via recursos da hipermídia. A Natura anuncia, a versão em PDF é resumida; e apresenta como tendência apenas à versão *on line*, com uso de recursos audiovisuais e interações com usuários.

#### 4.2 Vocabulário do Relato Integrado

Determinados termos caracterizam fundamentos e propósitos do RI. A Figura 4 retrata a presença ou ausência de alguns desses termos nos RI das empresas pesquisadas:

TERMOS	Relato/Relatório Integrado ou <i>Integrated Reporting</i>		Pensamento integrado		Criação de valor ou Geração de Valor		Seis capitais		Capital Financeiro		Matriz de materialidade		Informação financeira		Informação não financeira ou sócio ambientais		Indicadores de desempenho KPI		
	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	
Ano																			
Empresas																			
AES Brasil	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
BNDES	S	S	N	N	N	S	S	S	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N
BRF S.A	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	N	N	N	S	N	S	S	S	S
CCR S.A	S	N	N	N	S	S	S	S	S	S	N	N	S	N	N	N	N	N	N
CPFL	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N	N	S	S	S
Fíbria	S	S	N	N	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	N	S	S	N	N
Itaú	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	N	N	S	S	S
Natura	S	S	N	N	S	S	N	N	N	N	S	N	S	N	N	N	N	N	N
Votorantim	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	N	S	S	S

Legenda: S (Sim); N (Não).

Figura 4 - Presença de termos do Relato Integrado relacionados ao Capital Financeiro

Fonte: Autoria própria com dados colhidos nos Relatos Integrados das empresas relacionadas (2014 e 2015)

A presença dos termos da Figura 4, no texto, não garante a qualidade da informação, mas pode reforçar a ideia de Relato Integrado, por comporem o vocabulário que fundamenta essa modalidade de comunicação. Entretanto, este estudo suscita algumas considerações:

- Dos termos da Figura 4, Relato Integrado, Criação de Valor e Seis Capitais (ou equivalentes) são os termos mais presentes nos RI pesquisados. Mas na AES/2014, o termo Relato Integrado aparece apenas na última página (créditos) para identificar o consultor. A CPFL/2015 e a Fíbria/2015 fazem referência ao RI apenas dentro da sigla do IIRC - *International Integrated Reporting Council*. A CCR/2015, nem assim.



- A Fíbria, em 2014 e 2015, cita o termo “financeiro”, associado a resultado, a mundo, a relatórios, a indicadores, a risco, mas não explicita o termo capital financeiro.
- Quase todas empresas relatam aspectos sociais, ambientais e de governança, mas quase nenhuma explicita o termo informações não financeiras (ou equivalentes).
- Também acontece com o termo informação financeira. A Natura utiliza somente uma vez o termo informações financeiras para identificar o responsável pela informação, ao final, nos créditos. E o usuário precisa perceber que a integração desses dois tipos de informação é um dos maiores desafios e pode ser um dos maiores ganhos do RI.
- Quanto aos seis capitais, a Natura/2015 fez referência apenas ao capital natural, apesar de abordar assuntos relacionados a outros capitais.
- Somente a AES Brasil e a CPFL/2014 citam o termo pensamento integrado, base para explicar um dos principais propósitos do Relato Integrado.
- A matriz de materialidade que identifica os tópicos relevantes na busca da concisão do RI, é abordado por apenas duas empresas nos dois anos pesquisados. Quatro não citam em nenhum dos anos, as demais citam em apenas um dos anos.
- O termo indicador de desempenho (KPIs), útil ao avaliar desempenho da organização e com potencial de integrar informações financeiras a não financeiras, foi ignorado por quatro das nove empresas nos anos pesquisados e outra cita somente em 2014.

A presença desses termos não garante abordagem adequada do assunto, mas pode reforçar o vocabulário dos propósitos do RI. E serve de parâmetro para o usuário avaliar a qualidade do relato, e tais termos precisam ser propagados nessa fase de consolidação do RI.

### 4.3 Vocabulário do Capital Financeiro

A Figura 5 retrata a presença de termos do capital financeiro, vindos da Contabilidade.

TERMINOS	Balanco Patrimonial, Demonstração do Resultado do Exercício		Ativo Passivo Patrimônio Líquido		Receita Despesa Custo		Valor adicionado		Fluxos de Caixa		Apresenta Balanço Patrimonial e DRE		Apresenta Demonstração dos Fluxos de Caixa		Apresenta Demonstração do Valor Adicionado	
	Ano	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	
Empresa	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015
AES Brasil	N	N	S	S	S	S	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N
BNDES	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N	S	S
BRF S.A	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S	N	S	S
CCR S.A	N	N	S	S	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
CPFL	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N	S	S
Fíbria	N	N	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N	N	N	S	S
Itaú	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	N	N	N	N	N	S
Natura	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
Votorantim	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Legenda: S (Sim); N (Não).

Figura 5 - Presença de termos das Demonstrações Contábeis no Relato Integrado

Fonte: Autoria própria com dados colhidos nos Relatos Integrados das empresas relacionadas (2014 e 2015)



Inicialmente, o Figura 5 evidencia os termos Balanço Patrimonial – BP e Demonstração do Resultado - DRE, muito comuns na Contabilidade, mas muito ausentes nos RI. Isso não significa que foram ignoradas, como demonstra a presença dos termos ativo, passivo, patrimônio líquido, receita, despesa e custo em quase todos os RI pesquisados. O Itaú e a BRF citaram o BP sem citar a DRE, em 2014.

CCR cita ativo e patrimônio líquido, mas não cita o termo passivo, apesar de fazer referências a dívidas e obrigações. A Natura chega a citar o termo ativo da biodiversidade e princípio ativo de um produto, mas não o utiliza no sentido contábil.

A Votorantim foi a única empresa que apresentou todas as demonstrações contábeis no RI, nos dois anos analisados, talvez por ser o maior RI em número de páginas (Figura 3). Isso pode indicar completude, mas também pode indicar necessidade de mais concisão.

Três empresas (AES, CCR e Natura) não citaram o termo valor adicionado e três não citaram o termo fluxos de caixa (CCR, Fíbria, Natura). E citar não significa evidenciar tais demonstrações no RI como demonstram as duas últimas colunas do Quadro 3. E a presença mais constante da Demonstração do Valor Adicionado – DVA, dentre as demonstrações contábeis, talvez seja por influência do Relatório de Sustentabilidade.

Quase sempre, os demonstrativos contábeis são apresentados no RI em formato diferenciado, desmembrados em informações essenciais, como será demonstrado mais adiante. A Figura 6 complementa com outros termos oriundos da contabilidade:

TERMINOS	Contabilidade ou Contábil ou Controladoria		Lucro, Lucratividade ou Rentabilidade ou Resultado econômico		Ativo Intangível		Dívidas, Obrigações Endividamento ou Capital de Terceiros		Dividendos		EBITDA		Investimento Financiamento		Origem de recursos Aplicação de recursos.	
	Ano	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	
Empresa	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015
AES Brasil	N	N	S	S	S	S	N	N	N	N	S	S	S	S	N	N
BNDES	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S
BRF S.A	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N
CCR S.A	N	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N
CPFL	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N
Fíbria	S	N	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	N	N
Itaú	S	S	S	S	N	S	S	N	S	S	N	N	S	S	N	N
Natura	N	N	S	S	N	N	S	N	S	S	S	S	S	S	N	N
Votorantim	N	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N

Legenda: S (Sim); N (Não).

Figura 6 - Presença de outros termos da Contabilidade no Relato Integrado  
Fonte: Relatos Integrados das empresas relacionadas (2014 e 2015)

A Figura 6 evidencia que lucro, investimento e financiamento são termos presentes em todos os RI, enquanto origens e aplicações de recursos são quase sempre ausentes, talvez por suficiência dos termos investimento que é sinônimo de ativo e financiamento que é sinônimo de passivo e patrimônio líquido. A AES, em 2014 e 2015, não cita os termos passivo e patrimônio líquido, mas menciona investimento e financiamento.



Há ausência do termo contabilidade em muitos RI, e controladoria é mais ausente ainda. A AES Brasil em 2014 e 2015 cita os termos contabilidade e controladoria apenas na sigla da ANEFAC - Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade e CGU - Controladoria Geral da União. Em 2014, a única menção à controladoria pela Votorantim é no endereço de um site; o termo contabilidade em 2015 só é usado para referenciar uma norma emitida pelo Conselho Federal de Contabilidade.

O ativo intangível também é termo ausente em vários RI. Itaú, Votorantim, BRF, CCR, CPFL e Fíbria (essa apenas em 2015) não citam o termo Ativo Intangível, apesar de falarem em capital intelectual e capital de relacionamento. A Natura não cita, mas aborda sobre conhecimento da marca, relacionamento com consultoras, gestão de conhecimentos, exemplos de ativo intangível. E conforme pesquisa da S&P, o ativo intangível já representa mais de 80% do valor atual das quinhentas maiores empresas da NYSE e NASDAQ.

A AES Brasil/2014 cita o termo obrigação, mas no sentido geral, e não no sentido de dívidas como no vocabulário contábil. A Natura/2014 não cita os termos dívidas e obrigações, mas menciona endividamento.

O uso de termos técnicos da contabilidade também tem relação com o ramo de atividade da empresa, como é o caso dos bancos. Mas, no geral, tal levantamento desperta uma reflexão à Contabilidade quanto à adequação e compreensão de alguns termos nos relatórios financeiros.

#### 4.4 Nuvem de Palavras

A Figura 7 apresenta as palavras mais recorrentes no conjunto dos dezoito RI da amostra, dentre as quinhentas palavras acima de cinco letras, excluídas numerais, artigos, preposições, verbos conjugados, nome das empresas e localidades.

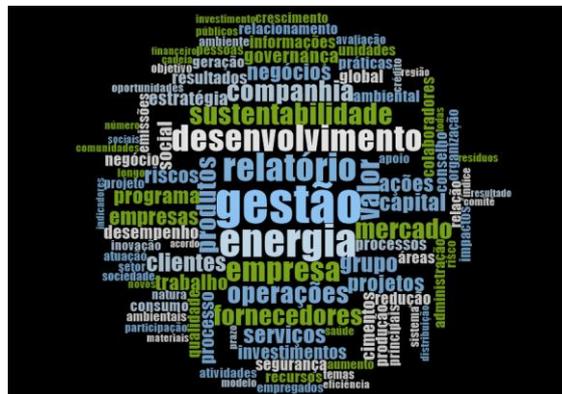


Figura 7 - Nuvem de palavras dos RI da amostra  
Fonte: Nvivo 11

As dez palavras mais recorrentes são: gestão, energia, relatório, desenvolvimento, empresa, valor, sustentabilidade, operações, companhia e fornecedores. As dez palavras mais relacionadas ao capital financeiro, são: fornecedores, produtos, clientes, capital, ações, investimentos, desempenho, resultado, colaboradores, produção e recursos.

#### 4.5 Linguagem visual para retratar informação financeira no Relato Integrado

Para atender a princípios como conectividade, materialidade, concisão e completude, o RI explora outras possibilidades de linguagem. Assim, informações financeiras podem ser



reordenadas e sintetizadas com uso de outros recursos além do texto verbal, que possibilitam animação e interação, como a hipermídia. Mas o escopo deste artigo, é a linguagem visual.

A Figura 8 exibe aspectos essenciais do BP, em formato diferenciado, com fácil compreensão da variação dos três grandes componentes do Balanço Patrimonial. Havendo necessidade de detalhamento, links remetem aos relatórios específicos:

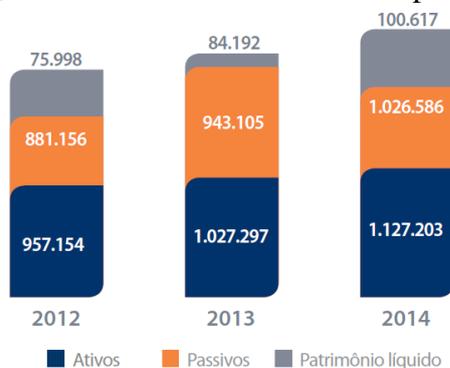


Figura 8 - Composição Patrimonial em R\$ milhões  
 Fonte: Itaú/Unibanco (2014, p. 5)

A Figura 9 apresenta indicadores financeiros fruto da integração de informações oriundas da DRE e do Balanço Patrimonial, em sintonia com o princípio da concisão.

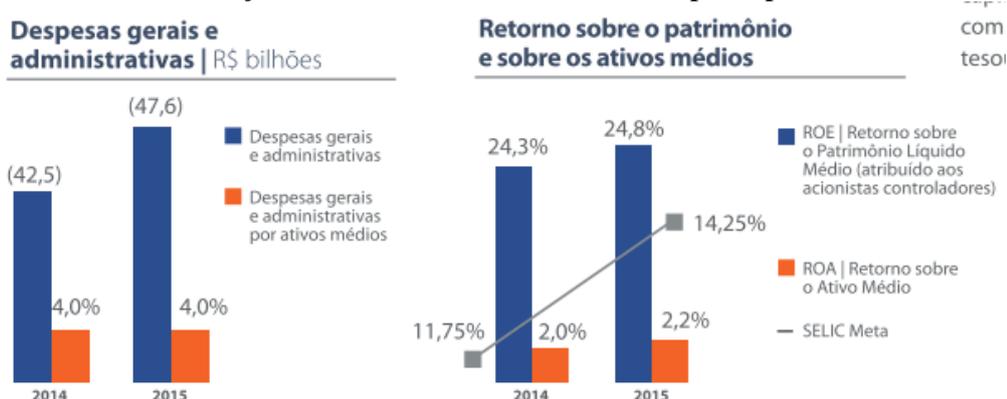


Figura 9 - Indicadores de desempenho financeiro  
 Fonte: Itaú/Unibanco (2015, p. 38)

A Figura 10 retrata apenas aspectos essenciais da DVA, em modelo mais tradicional (tabela), mas inclui a coluna com a variação %, para facilitar a comparabilidade.

**DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO** GRIG4-EC1  
 (R\$ MILHÕES)

DVA	2015	2014	Var. %
Recursos humanos	4.776	4.607	3,67
Impostos	3.239	4.064	-20,30
Juros/aluguéis	5.346	2.857	87,12
Juros sobre capital próprio	899	738	21,82
Retenção	1.839	1.401	31,26
Participação de acionistas não controladores	20	(0)	-
Dividendos	91	86	5,81
<b>Total</b>	<b>16.210</b>	<b>13.753</b>	<b>17,87</b>

Figura 10 - Valor Adicionado  
 Fonte: BRF (2015, p. 76)



A Figura 11, também, retrata aspectos essenciais da DVA, em formato mais sintético para facilitar a visualização das fatias do valor adicionado destinadas a cada tipo de agente.



Figura 11 - Distribuição do Valor Adicionado  
Fonte: BNDES (2014, p. 19)

A Figura 12 apresenta resumo dos principais indicadores financeiros com informações de diferentes relatórios compilados em uma tabela que permite o comparativo de três anos:

PRINCIPAIS INDICADORES FINANCEIROS	2012	2013	2014
Receita líquida de vendas (R\$ milhões)	6.174	6.917	7.084
Lucro líquido (R\$ milhões)	-698	-698	163
Ativo (R\$ milhões)	28.133	26.750	25.594
Patrimônio líquido (R\$ milhões)	15.193	14.491	14.616
Ebitda (R\$ milhões)	2.253	2.796	2.791
Dívida líquida /Ebitda UDM (US\$)	3,3	2,6	2,4
Produção de celulose (toneladas mil)	5.299	5.257	5.274
Vendas de celulose (toneladas mil)	5.357,0	5.198	5.305
Valor de mercado (R\$ bilhões)	12,5	15,3	18,0
Custo caixa de produção (R\$/t)	473	505	519
Valor da ação - FIBR3 (R\$) em 31/12	22,6	27,6	32,5

Figura 12 - Indicadores Financeiros  
Fonte: Fíbria (2014, p. 130)

A Figura 13 apresenta os indicadores econômicos, ambientais, sociais e operacionais, na mesma página consta o plano de negócios. Isso favorece o pensamento integrado na tomada de decisão, ao conjugar informações passadas, presentes e futuras. A intenção é boa, apesar do tamanho das letras, algo superável com ampliação da imagem na tela do computador.



V SINGEP

Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade

International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

Ambientais				Distribuição de riqueza (R\$ milhões)				Demais indicadores			
<b>Resíduos</b>	2012	2013	2014	Acionistas <sup>1</sup>	2012	2013	2014	Número de CNs (milhares)	2012	2013	2014
% material reciclado pós-consumo	1,6	1,4	1,2	Consultoras <sup>4</sup>	3.671	4.107	4.152	Avaliação global de pesquisa de imagem de marca no Brasil (%) <sup>10</sup>	79	78	74
% reciclabilidade de produtos <sup>1</sup>	84	56	58	Colaboradores	803	917	1.010	Arrecadação Crer para Ver Brasil (Educação) – (R\$ milhões)	12,8	17,1	18,8
% embalagens ecoeficientes <sup>2</sup>	14	22	29	Fornecedores	4.837	5.425	5.989	Arrecadação Crer para Ver Ols (Educação) – (R\$ milhões)	4,5	4,8	6,7
<b>Água</b>	2012	2013	2014	Governo <sup>7</sup>	1.743	1.804	1.721	Volume acumulado de negócios na região pan-amazônica <sup>11</sup> (R\$ milhões)	122	385	582
Consumo de água (l/un. prod.)	0,40	0,40	0,45	<b>Sociais</b>							
<b>Carbono</b>	2012	2013	2014	<b>Qualidade das relações (%)</b>	2012	2013	2014				
Emissão relativa de GEE (kgCO <sub>2</sub> e/kg produto faturado) <sup>3</sup>	3,21	2,93	3	Pesquisa de clima – Favorabilidade colaboradores (Brasil e Ols) <sup>4</sup>	72	78	75				
Emissões absolutas de GEE (milhares t) <sup>3</sup>	299	328	332	Lealdade fornecedores (Brasil e Ols) <sup>5</sup>	24	31	26				
<b>Econômicos</b>	2012	2013	2014	Lealdade CNs Brasil <sup>6</sup>	24	23	27,5				
<b>Indicadores econômicos (R\$ milhões)</b>	2012	2013	2014	Lealdade CNOs Brasil <sup>6</sup>	40	38	30				
Receita líquida consolidada	6.345,7	7.010,3	7.408,4	Lealdade clientes Brasil <sup>6</sup>	51	52	64				
Ebitda consolidado	1.511,9	1.609,0	1.554,5	Lealdade CNs Ols <sup>6</sup>	38	38	39				
Lucro líquido consolidado	874,4	842,6	732,8	Lealdade CNOs Ols <sup>6</sup>	49	47	45				
Geração interna de caixa	1.018,9	1.023,9	922,6	Lealdade clientes Ols <sup>6</sup>	49	54	64				
Volume médio diário negociado de ações	54,3	61,1	47,8								
Percentual de Ols na receita (%)	11,6	16,1 <sup>4</sup>	19,2 <sup>4</sup>								

passando a incorporar embalagens com redução de, no mínimo, 50% em relação a embalagem regular/similar ou que apresentem 50% de sua composição com MRPC e/ou material renovável não celulósico, desde que apresentem aumento de massa; <sup>4</sup>Houve mudanças no fator de emissão no inventário de GEE. Os dados de 2012 e 2013 foram recalculados para garantir comparabilidade; <sup>5</sup>Considera a Aesop; <sup>6</sup>Os valores reportados equivalem a dividendos e juros sobre o capital próprio efetivamente pagos aos acionistas, ou seja, consideram o regime de caixa; <sup>7</sup>Em 2014, em virtude dos avanços das operações na América Latina, a estimativa de margem dessas CNs foi ajustada. Os valores anteriores foram atualizados para garantir comparabilidade; <sup>8</sup>A rubrica Governo representa os tributos adicionados nas atividades da Natura e das CNs, ou seja, denota a carga total de tributos diretos e indiretos, subtraída dos tributos referentes às etapas anteriores da cadeia, representados na rubrica Fornecedores; <sup>9</sup>Pesquisa de clima – Hay Group; <sup>10</sup>Pesquisa de lealdade – Instituto Ipsos; <sup>11</sup>Pesquisa Brand Essence – Instituto Ipsos; <sup>12</sup>Ano-base 2010.

Figura 13 - Indicadores financeiros e não financeiros  
Fonte: Natura (2014, p. 11)

Portanto, os RI recorrem a variados recursos da linguagem visual com uso de formas e cores no intuito de despertar o interesse do leitor nessa modalidade de comunicação mais dinâmica.

## 5 Considerações Finais

Diante do objetivo de descrever conteúdos e formas de divulgação das informações financeiras no Relato Integrado, constatou-se que:

- A maioria das empresas caminha mais para ideia do relatório único, do que RI. Isso dificulta a cumprimento de alguns princípios como a concisão.
- Apenas uma empresa nomina a divulgação como Relato Integrado, outra, Relatório Integrado. Algumas apenas anunciam seguir o *Framework* do RI, mas há situação em que o termo Relato Integrado nem é citado na divulgação.
- Quanto ao vocabulário do RI, há termos não apresentados, como pensamento integrado e matriz de materialidade. Isso pode ser consequência da tentativa de unificar vários relatórios em um só. Também pode representar perda de oportunidade em massificar o vocabulário do Relato Integrado.
- Quanto ao vocabulário do capital financeiro, constatou-se ausência de alguns termos, como contabilidade e ativo intangível, apesar de mencionarem questões afins. E no RI, o intangível é diferencial em relação aos relatórios financeiros. Essa reflexão também cabe aos contadores quanto à adequação de determinados termos na clareza do relato.
- Foram identificadas integrações entre informações financeiras e não financeiras sob a ótica dos seis capitais e dos princípios previstos no *Framework*, com suporte da linguagem visual, dando clareza e leveza ao texto.

Enfim, os resultados precisam ser relativizados, pois todo processo de experimentação está sujeito ao aprimoramento, e o Relato Integrado envolve quebra de paradigmas quanto à integração de conteúdos e ao formato da linguagem na busca de concisão, clareza e completude da informação. O aprimoramento é salutar, mas a disposição para a mudança é elementar, pois a integração das informações resulta da integração das pessoas.



## 6 Referências

- Aes Brasil. (2014). Relatório de sustentabilidade 2014. Recuperado em: <http://www.aesbrasil.com.br/sustentabilidade/Paginas/RelatoriodeSustentabilidade.aspx>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- Aes Brasil. (2015). Relatório de sustentabilidade 2015. Recuperado em: <http://relatorios2015.aesbrasil.com.br/brasil/>. Acesso em 01 jul. 2016.
- Black Sun. (2014). Realizing the benefits: the impact of Integrated Reporting. Recuperado em: [http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2014/09/IIRC.Black\\_Sun\\_Research\\_IR\\_Impact.Single.pages.18.9.14.pdf](http://integratedreporting.org/wp-content/uploads/2014/09/IIRC.Black_Sun_Research_IR_Impact.Single.pages.18.9.14.pdf). Acesso em: 01 ago. 2016.
- BRF. (2014). Relatório Anual e de Sustentabilidade 2014. Recuperado em: [http://ri.brf-global.com/conteudo\\_pt.asp?idioma=0&tipo=52159&conta=28&id=196342](http://ri.brf-global.com/conteudo_pt.asp?idioma=0&tipo=52159&conta=28&id=196342). Acesso em: 01 jul. 2016.
- BRF. (2015). Relatório Anual e de Sustentabilidade 2015. Recuperado em: <https://www.brf-global.com/brasil/responsabilidade-corporativa/relatorio-anual>. Acesso em 01 jul. 2016.
- CCR. (2014). Relatório Anual e de Sustentabilidade CCR. Recuperado em: <http://www.grupoccr.com.br/ri2014/home/#!/20134>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- CCR. (2015). Relatório Anual e de Sustentabilidade CCR 2015. Recuperado em: <http://www.grupoccr.com.br/ri2015/>. Acesso em 01 jul. 2016.
- Conselho Federal de Contabilidade. (2011). Resolução CFC nº 1.374/11. Brasília.
- CPFL Energia. (2014). Relatório Anual 2014. Recuperado em: <http://www.cpfl.com.br/institucional/relatorio-anual/Documents/RA-8-cpfl-2014.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- CPFL Energia. (2015). Relatório Anual 2015. Recuperado em: <http://www.cpfl.com.br/institucional/relatorio-anual/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- DaCunha, J. V.; Morais, A. I.; Rodrigues, M. A. (2016). Integrated Reporting - IR: o novo paradigma em Corporate Reporting. *Revisores Auditores*, 34-41. Recuperado em: <http://www.oroc.pt/fotos/editor2/Revista/72/Contabilidade.pdf>. Acesso em 20 ago. 2016.
- Eccles, R. G.; Krzus, M. P. (2011). Relatório Único: divulgação integrada para uma estratégia sustentável. São Paulo: Saint Paul Editora.
- Eccles, R. G.; Spiesshofer, B. (2015). Integrated Reporting for a Re-imagined Capitalism. *Harvard Business School General Management Unit Working Paper*, 16-032. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2665737>. Acesso em 14 mar. 2016.
- Ernst Young. (2014). Relato Integrado: pensamento, estratégia e valor compartilhado. Recuperado em: [http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Relato\\_Integrado\\_2014/\\$FILE/RelatoIntegrado\\_WEB.pdf](http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Relato_Integrado_2014/$FILE/RelatoIntegrado_WEB.pdf). Acesso em 15 jul. 2016.
- Fíbria. (2014). Relatório de 2014. Recuperado em: [http://www.fibria.com.br/r2014/RelatorioFibria\\_BR.pdf](http://www.fibria.com.br/r2014/RelatorioFibria_BR.pdf). Acesso em: 01 jul. 2016.
- Fíbria. (2015). Relatório de 2015. Recuperado em: [http://www.fibria.com.br/r2015/pdf/Fibria\\_RS2015\\_20150415.pdf](http://www.fibria.com.br/r2015/pdf/Fibria_RS2015_20150415.pdf). Acesso em 01 jul. 2015.
- Garrison, R. H.; Noreen, E. W.; Brewer, P. C. (2013). Contabilidade gerencial. (14ª. Ed.). Porto Alegre: AMGH Editora. Recuperado em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em 24 ago. 2016.
- Havlová, K. (2015). What integrated reporting changed: the case study of early adopters. *Procedia Economics and Finance*, 34, 231-237. Recuperado em:



<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S221256711501624X>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- Institute of Chartered Accountant of England and Wales. (2009). Developments in New Reporting Models. *Financial Reporting Faculty of ICAEW*. Recuperado em <http://www.aaajournals.org/doi/pdf/10.2308/accr.00000004>. Acesso em 03 ago. 2016.
- International Integrated Reporting Council. (2011). Discussion paper: towards integrated reporting – communicating value in the 21st century. Recuperado em: [http://theiirc.org/wp-content/uploads/2011/09/IR-Discussion-Paper-2011\\_spreads.pdf](http://theiirc.org/wp-content/uploads/2011/09/IR-Discussion-Paper-2011_spreads.pdf). Acesso em: 02 ago. 2016.
- International Integrated Reporting Council. (2013) The international framework. Recuperado em: <http://www.theiirc.org/wp-content/uploads/2013/12/13-12-08-THE-INTERNATIONAL-IR-FRAMEWORK-2-1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- Itaú Unibanco. (2014). Relato Integrado 2014. Recuperado em: [https://www.itaubanco.com.br/arquivosstaticos/RAO/PDF/PT/Relato\\_Integrado\\_2014.pdf](https://www.itaubanco.com.br/arquivosstaticos/RAO/PDF/PT/Relato_Integrado_2014.pdf). Acesso em: 01 jul. 2016.
- Itaú Unibanco. (2015) Relato Integrado 2015. Recuperado em: <http://www.itaubanco.com.br/relatorio-anual/relato-integrado>. Acesso em 01 jul. 2016.
- Jensen, J. C.; Berg, N. (2012). Determinants of traditional sustainability reporting versus integrated reporting, an institutionalist approach. *Business Strategy and the Environment*, 21(5), 299-316. Recuperado em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/bse.740/full>. Acesso em: 27 ago. 2016.
- Kassai, J.R.; Carvalho, L.N. (2014) Relato Integrado: a próxima revolução contábil. *Revista FIECAFI, 1*. Recuperado em: [https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1065698/mod\\_resource/content/0/artigo%20Engema%202013\\_versao\\_3.pdf](https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1065698/mod_resource/content/0/artigo%20Engema%202013_versao_3.pdf). Acesso em 20 ago. 2016.
- Kloviené, L., & Speziale, M. T. (2014). Sustainability Reporting as a Challenge for Performance Measurement: Literature Review. *Economics and Business*, 26, 44-53. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.7250/eb.2014.019>. Acesso em 12 ago. 2016.
- Maciel, P. A. (2015) Relato Integrado: análise da evolução da estrutura conceitual e sua aplicação nos relatórios das empresas no Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível: <http://www.erudito.fea.usp.br/portalFEA/Repositorio/3581/Documentos/Dissertacao%20Paula%20Alvares%20Maciel.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- Natura. (2014). Relatório Natura 2014. Recuperado em: <http://natu.infoinvest.com.br/ptb/5302/RA%20Natura%202014.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2016.
- Natura. (2015). Relatório Natura 2015. Recuperado em: <http://www.natura.com.br/relatorio-anual/2015/relatorio-anual-2015>. Acesso em 01 jul. 2016.
- Roth, H. P. (2014) Is Integrated Reporting in the Future? *The CPA Journal*, 84(3), 62. Recuperado em: <http://search.proquest.com/openview/bf2e09b0c0aa60f813abb567c6de6d6b/1?pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- Votorantim. (2014) Relatório integrado. Recuperado em: [http://vcimentos.com.br/extras/pdf/relatorio/VC\\_RI\\_2014\\_PT.pdf](http://vcimentos.com.br/extras/pdf/relatorio/VC_RI_2014_PT.pdf). Acesso em: 01 jul. 2016.
- Votorantim. (2015). Relatório integrado. Recuperado em: [http://www.votorantimcimentos.com/Shared%20Documents/VC\\_RelatoIntegrado\\_2014.pdf](http://www.votorantimcimentos.com/Shared%20Documents/VC_RelatoIntegrado_2014.pdf). Acesso em 01 jul. 2016.